

## **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA AIDS ELABORADA A PARTIR DE PESSOAS PORTADORAS DO VÍRUS HIV E SEUS FAMILIARES.**

Raquel Tenório dos Santos, Nilma Renildes da Silva, Carolina Priscila de Lima, Flora Alves, Letícia Ariane dos Reis Pedroso, Lílían Cavaleiro Amâncio. – Humanas - Psicologia - Departamento de Psicologia – Faculdade de Ciências – Campus de Bauru

Antes que fossem diagnosticados os primeiros casos de HIV, sintomas parecidos acometiam sem mais nem menos algumas pessoas. Era um mistério, uma coincidência. Não se sabia ao certo nem porquê, mas de forma semelhante às pessoas adoeciam, emagreciam, ficavam debilitadas manchadas e morriam. A princípio o medo de ser a próxima vítima da doença, depois a constatação: uma nova doença descrita como um estado de imunodeficiência, denominou-se então essa patologia de Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida (SIDA ou AIDS).

No início procurava-se ligação da doença com a homossexualidade, uma vez que os primeiros casos foram descobertos nos guetos homossexuais de Nova Iorque, São Francisco e Los Angeles. A “peste gay” como foi chamada a AIDS no início dos anos 80 tomou dimensões de epidemia nesta mesma década. Logo foi divulgada que a AIDS era veiculada através do coito anal entre homossexuais masculinos e projetou-se como uma doença fatal, sobretudo nos já infectados por outras doenças. Os profissionais da saúde americanos chamavam a AIDS de GRID (Gay Related Immune Deficiency ou, Deficiência Imunológica Relacionada com a Homossexualidade).

Com o tempo, novas notícias sobre a nova síndrome chegavam ao centro de pesquisa e logo se perceberam um novo grupo alvo da infecção: os usuários de drogas injetáveis. Nos EUA, alguns profissionais chegaram a se referir como “doença dos 4 h”: homossexuais, haitianos (por ser grande o número de infectados, sobretudo em função do grande número de turistas americanos), heroínômanos (usuários de heroína) e hemofílicos (grupo que passou a sofrer baixas em função da AIDS que também chegou aos bancos de sangue).

Em 1984 a doença já era de domínio da ciência, sabia-se que a transmissão se dava pelo sangue e por secreções sexuais. Mesmo isso sendo de conhecimento público desde a primeira metade da década de 80 ainda percebia-se a dificuldade de se desvencilhar o conceito de AIDS de grupos homossexuais, de usuários de drogas e de prostitutas. “A AIDS é uma doença ligada ao sexo” por mais que se saiba que a transmissão se dá de diversas formas.

O diagnóstico de HIV trazia consigo uma enorme carga de preconceito insinuava homossexualidade, bissexualidade clandestina ou uma história de uso de drogas. Ao adoecer eram duplamente discriminados, pela doença e pela orientação sexual. Até mesmo os que tinham se infectado por transfusões de sangue ou por contatos hétero sexuais, eram vistos com reprovação porque poderiam, de alguma forma, estar ocultando alguma coisa sobre sua vida sexual.

A visão da AIDS como doença de homossexuais altamente comum, é uma idéia formada a partir de um pensamento cotidiano, fixado na experiência empírica e ao mesmo tempo ultra generalizadora (HELLER, 1972) Implica em comportamento diferenciados, assim quando assumimos estereótipos de que a AIDS é uma doença fatal, contagiosa e ligada aos segmentos discriminados da sociedade, como gays; ou quando assumimos nosso

medo de ter AIDS por ela possuir esse estigma, estamos expressando nosso comportamento cotidiano.

Uma vez que vem aumentando o número de pessoas infectadas a cada ano, extrapolando assim a população dos grupos de risco, vê-se a necessidade de compreender o fenômeno a fim de atender a demanda dessa nova população vítimas de estigmas e preconceitos, dessa forma o presente estudo objetivou conhecer a representação social que pessoas portadoras do vírus HIV possuem sobre a Aids para que, a partir do conhecimento, possamos promover discussões a respeito da relação que as pessoas estabelecem com a doença, no intuito de que estas discussões contribuam para a superação de pré-conceitos.

A Representação Social pode ser definida como conceitos, afirmações e explicações”, que devem ser considerados como verdadeiras “teorias” do senso comum, pelas quais acontece a interpretação e mesmo à construção das realidades sociais, ou seja, mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. A Representação Social, sem dúvida faz parte da vida em sociedade, e ocorre em todas as ocasiões e lugares, e é por este motivo e nesta perspectiva que o processo de gênese das representações sociais tem lugar nas mesmas circunstâncias, e ao mesmo tempo, em que se manifestam.

É consenso entre os pesquisadores que as representações sociais sempre devem ser remetidas às condições sociais em que emergiram, ou seja, o contexto de produção; este se mostra importante, pois sem ele não poderíamos compreender as construções que dele surgem e o transformam.

A partir disso entendemos ser de grande importância conhecer a representação social da AIDS elaborada pelo portador do vírus, familiares e pensar nesta como uma síntese de múltiplas determinações e algo resultado da apropriação de representações sociais fundamentada em valores morais que atrelam a doença a homossexualidade, marginalidade e grupos de risco.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada com três questões abertas. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a amostra foi composta de três soropositivos e três familiares, sendo que não havia ligação de parentesco entre os entrevistados.

As questões aplicadas se encontram na tabela a seguir:

Entrevista com portador do vírus	Entrevista com familiar do portador
Nome/Sexo /Idade:	Nome/Sexo /Idade:
Questão 1 Como você vê a pessoa portadora do vírus HIV?	Questão 1 Como você vê a pessoa portadora do vírus HIV?
Questão 2 Sua visão mudou depois de ter contraído o vírus? Se sim. O que mudou?	Questão 2 Sua visão mudou depois de ter contato com uma pessoa portadora do vírus? Se sim. O que mudou?
Questão 3 Como pensa que as demais pessoas vêem os portadores de HIV?	Questão 3 Como pensa que as demais pessoas vêem os portadores de HIV?

Procedeu-se a análise qualitativa dos dados por meio da qual foi possível eleger uma categoria síntese, o preconceito. Este elemento estava contido nas frases dos

entrevistados e, a partir dessa compreensão, entendemos que, para esta amostra, a Aids é uma doença que carrega em si mesma o preconceito, encoberto no discurso e nas relações que a pessoa estabelece com a doença e com o portador e a relação que as pessoas estabelecem com o julgamento social.

Embora a Aids hoje não seja uma doença ligada a grupos de risco, continua sendo vista como tal, ainda que não se transmita pelo contato social os portadores do vírus HIV, de maneira geral, continuam sendo vistos com nojo, a Aids não é sinônimo de sofrimento, mas é vista com dó.

As análises das respostas obtidas nas entrevistas, nos revelam que a representação social da doença se pauta em informações inverídicas e que podem ser categorizadas no que Agnes Heller chama de juízos provisórios, idéias sobre o que é verdadeiro e correto. Para esta autora, o preconceito é um tipo particular de juízo provisório, uma unidade imediata de pensamento e ação.

Por meio da análise realizada explicitamos a necessidade de que dentro do contexto de tratamento se incluam práticas desmistificadoras e práticas educativas de informação sobre a doença e o processo de adoecimento que vai além do físico, visto que perpassa o adoecimento psíquico, tendo importantes implicações na vida do sujeito. A desmistificação de informações inverídicas sobre a doença também contribuirá com a desconstrução dos juízos provisórios, possibilitando aos portadores de HIV e aos seus familiares desenvolverem relações sociais que prescindam do preconceito.

## **Referências Bibliográficas**

LANE, S. T. M. e CODO W. (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 2004.

HELLER. A. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz, Terra 1972.

PINEL. A. , *O que é Aids*, Brasiliense- São Paulo, 1996

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: teoria método e criatividade*, Editora Vozes – São Paulo , 2000

SCHULZE, C.M.N. , *As representações sociais de pacientes portadores de câncer: in O Conhecimento do cotidiano*, SPINK, M (org) Brasiliense, São Paulo, 1995